ReGeo ISSN: 2177-3246

A.C.T.I.V.A.: UMA METODOLOGIA PARA A INOVAÇÃO EDUCACIONAL, O PROTAGONISMO E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A.C.T.I.V.A.: A METHODOLOGY FOR EDUCATIONAL INNOVATION, LEARNER AGENCY AND SOCIAL TRANSFORMATION

A.C.T.I.V.A.: UNA METODOLOGÍA PARA LA INNOVACIÓN EDUCACIONAL, EL PROTAGONISMO Y LA TRANSFORMACIÓN SOCIAL

https://doi.org/10.56238/revgeov17n9-024

Data de submissão: 03/08/2026 **Data de publicação:** 03/09/2026

Ronaldo Pereira da Silva
Graduado em Pedagogia-Licenciatura/2019
Instituição: Faculdades Paulista São José
E-mail: eecoformacao@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0003-0045-2226

RESUMO

Este artigo apresenta a criação teórico-metodológica da A.C.T.I.V.A., concebida como metodologia-mãe ou matriz de um sistema de metodologias pedagógicas voltado à formação integral, ao protagonismo do estudante e à transformação ética da realidade. O problema investigado é a fragmentação entre aquisição de conhecimentos, consciência individual, consciência coletiva e mudança responsável de atitudes diante de temas transversais da vida cotidiana. Como resposta, propõe-se uma arquitetura em seis dimensões interdependentes — Aprender, Conectar, Transformar, Integrar, Validar e Agir — que constitui o centro da inovação educacional proposta. O estudo é de natureza teórica, qualitativa, bibliográfica e documental, articulando contribuições de Paulo Freire, John Dewey, Lev Vygotsky, Jean Piaget, David Ausubel, Albert Bandura, Urie Bronfenbrenner e Edgar Morin, além de documentos normativos brasileiros e referenciais internacionais. A análise sustenta que a singularidade da A.C.T.I.V.A. não reside na apropriação isolada de conceitos desses autores, mas na composição autoral de uma matriz replicável, contextualizável e avaliável. A metodologia estabelece invariantes — centralidade do sujeito, vínculo entre conhecimento e realidade, integração de dimensões, valorização da dignidade, intencionalidade transformadora e ação refletida — e componentes adaptáveis a diferentes campos. São apresentadas as derivações atuais A.C.T.I.V.A. Ambiental, Finanças, Vida e Respeito, bem como critérios para futuras metodologias. Conclui-se que a proposta possui coerência teórica e potencial de aplicação, mas requer validação empírica progressiva, formação docente, governança, acessibilidade e avaliação multimétodo.

Palavras-chave: Protagonismo Estudantil. Metodologia Pedagógica. Educação Integral. Transformação Social. Aprendizagem Ativa. A.C.T.I.V.A.

ABSTRACT

This article presents the theoretical and methodological formulation of A.C.T.I.V.A., conceived as a parent or matrix methodology for a system of pedagogical methodologies focused on integral education, learner agency and the ethical transformation of reality. It addresses the fragmentation between knowledge acquisition, contextual understanding, value formation and socially responsible action. The proposed response is an architecture of six interdependent movements — Learning, Connecting, Transforming, Integrating, Valuing and Acting — designed to organize learning

experiences without reducing learners to passive recipients. This qualitative theoretical study is based on bibliographic and documentary research and establishes a dialogue with Paulo Freire, John Dewey, Lev Vygotsky, Jean Piaget, David Ausubel, Albert Bandura, Urie Bronfenbrenner and Edgar Morin, as well as Brazilian educational regulations and international frameworks. The originality of A.C.T.I.V.A. lies not in claiming ownership of concepts already established in educational thought, but in the authorial composition of a replicable, contextual and assessable matrix organized around Learning, Connecting, Transforming, Integrating, Validating and Acting. The model combines invariant principles with adaptable components and supports current and future cross-curricular derivations. The article concludes that A.C.T.I.V.A. presents theoretical coherence and practical potential, while its effectiveness must be examined through progressive empirical validation, teacher education, accessibility, governance and multimethod assessment.

Keywords: Learner Agency. Pedagogical Methodology. Integral Education. Social Transformation. Active Learning. A.C.T.I.V.A.

RESUMEN

Este artículo presenta la creación teórico-metodológica de A.C.T.I.V.A., concebida como metodología-madre o matriz de un sistema de metodologías pedagógicas orientado a la formación integral, al protagonismo del estudiante y a la transformación ética de la realidad. El problema investigado es la fragmentación entre adquisición de conocimientos, conciencia individual, conciencia colectiva y cambio responsable de actitudes ante temas transversales de la vida cotidiana. Como respuesta, se propone una arquitectura en seis dimensiones interdependientes — Aprender, Conectar, Transformar, Integrar, Validar y Actuar — que constituye el centro de la innovación educativa propuesta. El estudio es de naturaleza teórica, cualitativa, bibliográfica y documental, articulando contribuciones de Paulo Freire, John Dewey, Lev Vygotsky, Jean Piaget, David Ausubel, Albert Bandura, Urie Bronfenbrenner y Edgar Morin, además de documentos normativos brasileños y referenciales internacionales. El análisis sostiene que la singularidad de A.C.T.I.V.A. no reside en la apropiación aislada de conceptos de estos autores, sino en la composición autoral de una matriz replicable, contextualizável y evaluable. La metodología establece invariantes — centralidad del sujeto, vínculo entre conocimiento y realidad, integración de dimensiones, valorización de la dignidad, intencionalidad transformadora y acción reflexionada — y componentes adaptables a diferentes campos. Se presentan las derivaciones actuales A.C.T.I.V.A. Ambiental, Finanzas, Vida y Respeto, así como criterios para futuras metodologías. Se concluye que la propuesta posee coherencia teórica y potencial de aplicación, pero requiere validación empírica progresiva, formación docente, gobernanza, accesibilidad y evaluación multimétodo.

Palabras clave: Protagonismo Estudiantil. Metodología Pedagógica. Educación Integral. Transformación Social. Aprendizaje Activo. A. C. T. I. V. A.

1 INTRODUÇÃO

A educação contemporânea é convocada a responder simultaneamente à produção acelerada de conhecimentos, às desigualdades sociais, às crises ambientais, às transformações tecnológicas e às violências que atravessam a vida cotidiana. Ensinar conteúdos continua indispensável, mas já não é suficiente quando os estudantes não conseguem relacioná-los com situações concretas, avaliar consequências, formular alternativas e agir com responsabilidade. A distância entre saber e fazer revela um problema pedagógico: a escola pode ampliar repertórios sem necessariamente produzir consciência, autoria ou mudança de atitude.

No Brasil, a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases vinculam a educação ao pleno desenvolvimento da pessoa e ao exercício da cidadania. A Base Nacional Comum Curricular assume compromisso com a educação integral e define competência como mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas. Em âmbito internacional, UNESCO e OCDE têm destacado participação, agência, cooperação e construção de futuros justos e sustentáveis. Esses referenciais convergem na necessidade de superar a compartimentalização do aprendizado.

É nesse horizonte que se formula a A.C.T.I.V.A. como metodologia-mãe/matricial. O acrônimo designa seis dimensões constitutivas: Aprender, Conectar, Transformar, Integrar, Validar e Agir. A pergunta orientadora é: de que modo essa matriz teórico-metodológica pode organizar práticas educativas capazes de articular conhecimento, consciência individual, consciência coletiva, protagonismo e ação transformadora diante de temas transversais, preservando unidade conceitual e permitindo derivações temáticas?

1.1 OBJETIVOS, PROBLEMA E TESE DO ESTUDO

O objetivo geral é definir os fundamentos, a arquitetura e os critérios de derivação da metodologia A.C.T.I.V.A. Como objetivos específicos, busca-se: situar o protagonismo em tradições pedagógicas consistentes; conceituar cada movimento da matriz; distinguir princípios invariantes de componentes adaptáveis; explicitar o papel do educador, do estudante e da comunidade; propor diretrizes de implementação e avaliação; e demonstrar como metodologias temáticas podem nascer da matriz sem perder identidade sistêmica.

A tese defendida é que o protagonismo educacional se torna pedagogicamente consistente quando deixa de significar mera participação episódica e passa a constituir um percurso intencional de leitura, conexão, decisão e intervenção. Na A.C.T.I.V.A., protagonismo não equivale à ausência de mediação docente, nem ao individualismo performático. É capacidade progressiva, socialmente

mediada, de compreender a realidade, participar de decisões, assumir responsabilidades e produzir mudanças compatíveis com a dignidade humana e o bem comum.

A matriz não pretende substituir currículos, disciplinas ou sistemas de ensino. Sua função é organizar experiências, recursos e avaliações que atravessem conteúdos e campos temáticos. Ela opera como estrutura de coerência: define o que deve permanecer em qualquer derivação e o que pode ser contextualizado conforme público, território, etapa de ensino, problema social ou área de conhecimento.

1.2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Trata-se de pesquisa teórica, de abordagem qualitativa, com procedimentos bibliográficos e documentais. A elaboração emprega síntese integrativa de conceitos pedagógicos e análise interpretativa de normas e referenciais. Não se trata de revisão sistemática com metanálise, nem de pesquisa experimental. O corpus foi selecionado por pertinência a cinco eixos: experiência e democracia; autonomia e práxis; construção social do conhecimento; desenvolvimento humano contextual; e complexidade e integração dos saberes.

Foram mobilizadas obras de autores reconhecidos e fontes institucionais primárias. A leitura não procura uma filiação única. Em vez disso, identifica aproximações, limites e tensões entre perspectivas. A teoria de matriz resultante é uma construção autoral apoiada nesses fundamentos, e não uma teoria atribuída retrospectivamente aos autores. Tal cautela evita o uso decorativo de citações e preserva a diferença entre base epistemológica, diálogo conceitual e criação metodológica.

O desenvolvimento da proposta seguiu quatro operações: delimitação do problema; definição dos princípios; modelagem dos seis movimentos; e teste lógico de derivabilidade. A consistência foi examinada pela correspondência entre finalidades, processos, recursos, avaliação e governança. A validação empírica, entretanto, permanece como etapa futura e deverá incluir estudos-piloto, análise de implementação, evidências de aprendizagem e acompanhamento longitudinal.

2 FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

John Dewey compreende a educação como reconstrução contínua da experiência. Conhecimento e ação não ocupam polos isolados: aprendemos ao enfrentar situações, investigar consequências e reorganizar modos de agir. A experiência educativa não é qualquer atividade; ela deve produzir continuidade, ampliar possibilidades futuras e favorecer participação inteligente na vida comum. Essa perspectiva sustenta a passagem da simples exposição de conteúdos para situações em que o estudante observa, problematiza, experimenta, comunica e revê suas hipóteses.

A relação entre educação e democracia é igualmente decisiva. A escola não ensina democracia apenas ao apresentar conceitos políticos, mas ao constituir ambientes de cooperação, comunicação e responsabilidade compartilhada. Na matriz A.C.T.I.V.A., essa contribuição aparece sobretudo em Conectar, Integrar e Agir: os problemas são compreendidos em rede, os sujeitos aprendem com diferentes perspectivas e a ação é submetida ao exame de suas consequências coletivas.

A aproximação com Dewey não significa reduzir a metodologia ao aprender fazendo. A atividade só é formativa quando acompanhada de intenção, reflexão, mediação e reconstrução. A A.C.T.I.V.A. incorpora esse critério ao exigir que toda ação retorne ao aprendizado, permitindo revisar decisões e reiniciar o ciclo em nível mais elaborado.

2.1 PAULO FREIRE: AUTONOMIA, DIÁLOGO E PRÁXIS

Paulo Freire oferece uma das bases mais relevantes para compreender o estudante como sujeito histórico. Sua crítica à educação bancária evidencia os limites de práticas que tratam o educando como recipiente. Ensinar exige respeito aos saberes dos estudantes, curiosidade, rigor, diálogo e compromisso ético. A autonomia não é concessão do professor, mas construção progressiva em relações nas quais todos podem ler criticamente o mundo.

A noção de práxis — ação e reflexão sobre a realidade — aproxima-se do núcleo transformador da A.C.T.I.V.A. O método não encerra a aprendizagem na aquisição de informações. Aprender conduz a Conectar; as conexões permitem ressignificar e Transformar; a transformação precisa Integrar pessoas, conhecimentos e contextos; Validar confronta evidências, valores e consequências; e Agir materializa escolhas. A ação retorna à reflexão, impedindo que ativismo substitua compreensão.

A mediação docente permanece indispensável. Uma pedagogia dialógica não equivale a neutralidade ou abandono do ensino. Cabe ao educador selecionar conhecimentos, formular problemas, garantir proteção, promover escuta, confrontar preconceitos e organizar condições para autoria responsável. O protagonismo, portanto, é acompanhado por coautoria e corresponsabilidade.

2.2 CONSTRUTIVISMO, INTERAÇÃO E MEDIAÇÃO

Em Piaget, o conhecimento é construído na interação entre sujeito e objeto por processos de assimilação, acomodação e equilibração. O estudante reorganiza esquemas ao enfrentar perturbações e desafios adequados. Essa contribuição reforça a necessidade de situações-problema e progressão coerente, evitando tanto tarefas meramente repetitivas quanto exigências desconectadas das possibilidades de desenvolvimento.

Vygotsky desloca o foco para a constituição social das funções psicológicas e para o papel da linguagem, da cultura e da mediação. O desenvolvimento potencial emerge em atividades compartilhadas, com apoio de adultos e pares. Na A.C.T.I.V.A., a agência não é atributo isolado: forma-se por co-agência, colaboração, modelagem, diálogo e uso de instrumentos culturais. Recursos físicos e digitais devem funcionar como mediadores, e não como fins.

A síntese metodológica não confunde perspectivas distintas. Ela acolhe a atividade construtiva do sujeito e, simultaneamente, reconhece que toda construção ocorre em contextos históricos e relacionais. Aprender e Conectar expressam esse duplo movimento: o estudante organiza significados próprios, mas os confronta com conhecimentos públicos, linguagens, evidências e outras pessoas.

2.3 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E CONHECIMENTOS PRÉVIOS

A teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel destaca que novas informações se tornam mais estáveis quando encontram conceitos relevantes na estrutura cognitiva do aprendiz. Conhecimentos prévios não são obstáculos a serem apagados, mas pontos de partida a serem diagnosticados, diferenciados e reorganizados. Isso exige planejamento que torne visíveis concepções iniciais e ofereça pontes entre experiência cotidiana e conhecimento sistematizado.

Na A.C.T.I.V.A., Aprender inclui diagnóstico e construção conceitual; Conectar relaciona o novo a experiências, territórios e outras áreas; Transformar representa a ressignificação que ocorre quando o sujeito revê explicações e atitudes. O vínculo com a realidade não autoriza relativismo: ideias prévias devem dialogar com evidências, fontes confiáveis e critérios próprios de cada campo.

A avaliação formativa acompanha esse processo. Em vez de verificar apenas respostas finais, observa mudanças nas justificativas, na transferência para situações novas e na qualidade das decisões. Mapas conceituais, narrativas, portfólios, rubricas e produções colaborativas podem revelar relações que testes isolados não captam.

2.4 APRENDIZAGEM SOCIAL, AUTOEFICÁCIA E AGÊNCIA

Albert Bandura demonstra que pessoas aprendem pela observação de modelos, pelas consequências percebidas e pelas crenças de autoeficácia. A capacidade de agir depende não só de saber o que fazer, mas de acreditar que é possível mobilizar recursos, persistir e regular o próprio comportamento. Ambientes que oferecem modelos diversos, feedback informativo e oportunidades graduais de êxito fortalecem a agência.

Essa base é relevante para materiais narrativos, personagens pedagógicos, jogos e missões. Personagens não devem impor respostas prontas; podem representar dúvidas, erros, estratégias e

reparações. A identificação favorece discussão, enquanto a mediação impede simplificações. Gamificação, quando empregada, precisa reconhecer processos e cooperação, evitando substituir valores por competição ou recompensas extrínsecas.

Agir, na matriz, inclui antecipar consequências, escolher, executar, observar resultados e revisar. A ação transformadora é simultaneamente pessoal e coletiva. Pequenas mudanças de hábito, projetos de turma e intervenções comunitárias pertencem ao mesmo continuum, desde que sejam proporcionais à idade, protegidas e conectadas a objetivos pedagógicos.

2.5 DESENVOLVIMENTO HUMANO EM CONTEXTO

A abordagem bioecológica de Urie Bronfenbrenner permite compreender o desenvolvimento como resultado de processos proximais que ocorrem ao longo do tempo em sistemas interligados. Família, escola, comunidade, políticas e cultura não são cenários externos, mas condições constitutivas das oportunidades de aprendizagem e participação. Uma metodologia de transformação social não pode responsabilizar exclusivamente o indivíduo por problemas estruturais.

A A.C.T.I.V.A. distingue esfera de influência, esfera de cooperação e esfera institucional. O estudante pode mudar atitudes próprias, participar de acordos e projetos coletivos e comunicar demandas a adultos responsáveis; não deve receber a carga de resolver violências, pobreza ou falhas de políticas públicas. Essa delimitação protege o protagonismo contra culpabilização e heroificação da criança.

Integrar assume, assim, um significado ecológico: articular sujeitos, setores, saberes e níveis de decisão. A implementação deve prever diálogo com famílias, gestão escolar e redes de proteção, respeitando atribuições profissionais, privacidade e legislação.

2.6 COMPLEXIDADE E INTEGRAÇÃO DOS SABERES

Edgar Morin critica a fragmentação que impede perceber relações entre partes e totalidades. Problemas contemporâneos — ambientais, financeiros, sociais, digitais e protetivos — atravessam disciplinas e envolvem incerteza, valores e consequências. A educação precisa ensinar a contextualizar, reconhecer interdependências e revisar decisões diante de novos dados.

A A.C.T.I.V.A. responde a esse desafio sem abolir conhecimentos disciplinares. Integrar não significa misturar conteúdos indiscriminadamente, mas estabelecer conexões justificadas. Cada campo preserva conceitos, métodos e evidências próprios; a matriz cria pontos de articulação para compreender problemas complexos e orientar ação responsável.

A complexidade também recomenda prudência. Não há mudança linear garantida por uma atividade. Atitudes resultam de múltiplas influências e podem variar conforme contexto. Por isso, a avaliação deve combinar indicadores, narrativas e observações, reconhecendo avanços, contradições e efeitos não previstos.

3 FUNDAMENTOS NORMATIVOS E DIREITO À EDUCAÇÃO

O artigo 205 da Constituição Federal define a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, promovida com colaboração da sociedade e orientada ao pleno desenvolvimento, à cidadania e ao trabalho. A LDB reproduz essas finalidades e inclui liberdade, solidariedade, igualdade de condições e pluralismo. A matriz A.C.T.I.V.A. encontra nesses princípios um horizonte normativo, não uma chancela automática.

A BNCC propõe educação integral e competências que mobilizam conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. Pensamento crítico, repertório cultural, comunicação, cultura digital, trabalho e projeto de vida, argumentação, autoconhecimento, empatia, cooperação, responsabilidade e cidadania dialogam com a arquitetura matricial. O alinhamento deve ser demonstrado por objetivos e evidências, sem alegar que a BNCC prescreve a metodologia.

A metodologia também se orienta pela proteção integral, pela inclusão e pela não discriminação. Toda derivação deverá mapear normas específicas do tema e prever acessibilidade, participação protegida, privacidade e mecanismos de encaminhamento quando atividades revelarem riscos ou violações de direitos.

3.1 PROTAGONISMO INDIVIDUAL, COAGÊNCIA E CONSCIÊNCIA COLETIVA

Protagonismo é definido como capacidade progressiva de participar da produção de sentidos, decisões e ações que afetam a própria aprendizagem e o contexto, com reflexão, responsabilidade e apoio adequado. A definição contém cinco elementos: voz, escolha, autoria, responsabilidade e impacto. A simples presença em atividade lúdica não assegura protagonismo se os estudantes apenas executam comandos.

O conceito possui limites éticos. Escolha não significa que todo conteúdo ou regra seja negociável; voz não substitui conhecimento especializado; autoria não elimina colaboração; responsabilidade não autoriza culpabilização; impacto não exige grandes projetos. A autonomia cresce com competência, segurança e mediação.

A A.C.T.I.V.A. evita dois extremos: ensino centrado exclusivamente no adulto e espontaneísmo que omite intencionalidade. O professor desenha situações, oferece repertório e estabelece limites; o

estudante investiga, argumenta, cria e participa; a comunidade amplia contextos e apoia ações. Essa configuração é denominada protagonismo mediado e corresponsável.

4 CRIAÇÃO DA METODOLOGIA-MÃE OU MATRIZ A.C.T.I.V.A.

Uma metodologia-mãe é uma arquitetura de princípios, processos e critérios capaz de gerar metodologias derivadas. Ela não é um programa único, uma coleção de materiais ou uma marca guarda-chuva. Sua unidade reside em invariantes verificáveis, enquanto sua fecundidade depende de adaptações temáticas legítimas.

Na A.C.T.I.V.A., são invariantes: sujeito como participante ativo; conhecimento confiável e contextualizado; percurso pelas seis dimensões Aprender, Conectar, Transformar, Integrar, Validar e Agir; integração entre cognição, consciência individual, consciência coletiva e ação; dignidade e proteção; avaliação formativa; mediação docente; e retorno reflexivo após a ação. São adaptáveis: conteúdos, duração, narrativa, personagens, jogos, indicadores temáticos, público e recursos.

A derivação é válida quando preserva os invariantes, justifica adaptações e demonstra coerência entre problema, objetivos, experiências e avaliação. O uso apenas do acrônimo ou das cores não caracteriza pertencimento metodológico.

4.1 APRENDER: CONSTRUIR CONHECIMENTO E CONSCIÊNCIA

Aprender é o movimento de investigar, compreender e construir repertório confiável. Inclui ativação de conhecimentos prévios, formulação de perguntas, acesso a conceitos, análise de fontes, experimentação e comunicação do que foi compreendido. Não é fase passiva nem sinônimo de exposição inicial.

O movimento responde a quatro questões: o que sabemos; o que precisamos saber; como podemos investigar; e com quais critérios reconhecer uma explicação adequada. O professor garante rigor e acessibilidade; o estudante explicita hipóteses e acompanha seu próprio progresso.

Indicadores incluem capacidade de formular perguntas, empregar vocabulário pertinente, distinguir informação de opinião e explicar relações. As evidências podem ser registros diagnósticos, produções, mapas e explicações orais.

4.2 CONECTAR: RELACIONAR SUJEITO, SABER E COTIDIANO

Conectar é relacionar novos conhecimentos a experiências, pessoas, territórios, áreas e consequências. O movimento combate aprendizagens isoladas e favorece transferência. Uma conexão

é pedagogicamente válida quando amplia compreensão, e não apenas quando aproxima o tema de algo familiar.

As atividades podem comparar situações, mapear redes, analisar casos, entrevistar atores e estabelecer relações interdisciplinares. A mediação questiona simplificações e ajuda a reconhecer dimensões históricas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

Indicadores incluem estabelecer relações justificadas, reconhecer interdependências, ouvir perspectivas e aplicar conceitos em situações novas.

4.3 TRANSFORMAR: RESSIGNIFICAR COMPREENSÕES E ATITUDES

Transformar é ressignificar compreensões, critérios e possibilidades de resposta. Antes de mudar o meio, o sujeito reorganiza interpretações. O movimento torna visível a passagem entre informação e tomada de posição.

Estratégias incluem dilemas, revisão de hipóteses, comparação de alternativas, prototipagem e reescrita de planos. Transformação não é adesão automática ao discurso esperado; requer razões, evidências e abertura à revisão.

Indicadores observam mudança argumentada, criatividade responsável e capacidade de revisar decisões. O erro é tratado como dado formativo, não como identidade do estudante.

4.4 INTEGRAR: ARTICULAR PESSOAS, SABERES E CONTEXTOS

Integrar articula dimensões pessoais e coletivas, conhecimentos e afetos, escola e comunidade. O movimento evita que a transformação permaneça individualizada. Integração exige reconhecer competências, responsabilidades e redes necessárias.

Projetos colaborativos, pactos de convivência, oficinas interdisciplinares e articulação com famílias podem concretizá-lo. A participação externa deve respeitar consentimento, proteção de dados e atribuições institucionais.

Indicadores incluem cooperação, distribuição de tarefas, síntese de perspectivas e busca de apoio. Integrar não dissolve conflitos; cria condições para tratá-los com diálogo e critérios.

4.5 VALIDAR: CONFRONTAR EVIDÊNCIAS, VALORES E CONSEQUÊNCIAS

Validar é submeter conhecimentos, interpretações, escolhas e propostas a critérios explícitos antes da ação. Constitui a dimensão crítica e ética da metodologia-mãe: o estudante pergunta se a informação é confiável, se a alternativa é coerente com os direitos humanos, se considera as pessoas afetadas, se é viável e quais consequências individuais, coletivas e ambientais poderá produzir. Validar

não significa buscar autorização burocrática nem transformar a aprendizagem em prova final; significa desenvolver discernimento responsável.

A validação é simultaneamente epistêmica, ética, social e prática. A dimensão epistêmica examina fontes e evidências; a ética confronta dignidade, justiça e proteção; a social incorpora diálogo, escuta e consciência coletiva; a prática verifica recursos, riscos e possibilidades. Debates, rubricas, checagem de fontes, análise de consequências, revisão por pares e consulta a adultos responsáveis podem materializar esse movimento.

Indicadores incluem justificar escolhas com evidências, reconhecer limites, antecipar impactos, ouvir objeções e revisar propostas. Nas metodologias derivadas, a palavra correspondente à letra V poderá receber denominação temática própria — como Valorizar — somente quando preservar essa função matricial de validação e houver equivalência documentada.

4.6 AGIR: PRODUZIR MUDANÇAS RESPONSÁVEIS

Agir é converter aprendizagens em decisões e intervenções proporcionais, seguras e avaliáveis. Pode ocorrer como mudança de hábito, produção comunicativa, solução escolar ou ação comunitária. A escala não define a qualidade; importam coerência, participação e consequência.

O ciclo envolve planejar, executar, acompanhar, refletir e ajustar. A reflexão posterior reconecta Agir a Aprender. Assim, a matriz é espiral, não uma sequência encerrada.

Indicadores incluem planejamento, perseverança, cooperação, avaliação de impacto e revisão. Crianças não devem ser colocadas em exposição pública, conflito ou responsabilidade incompatível com sua proteção.

5 DINÂMICA ESPIRAL E OPERACIONALIZAÇÃO DA MATRIZ

Embora apresentados em ordem, os movimentos são recursivos. Uma conexão pode revelar necessidade de novo aprendizado; uma ação pode exigir integração; uma reflexão ética pode transformar o plano. A espiral preserva direção sem impor linearidade rígida.

Cada unidade pedagógica deve identificar movimento predominante e relações com os demais. Isso evita uso superficial do acróstico e permite rastreabilidade entre objetivo, atividade e evidência.

A duração varia. Uma aula pode percorrer microciclos; programas mais longos desenvolvem macrociclos por missões. Em ambos os casos, deve existir fechamento reflexivo e documentação do percurso.

5.1 PAPÉIS PEDAGÓGICOS E COAGÊNCIA

O estudante é investigador, intérprete, coautor e agente. O professor é designer de experiências, mediador epistêmico, referência ética e garantidor de proteção. A gestão cria condições de tempo, formação e articulação. Famílias e comunidade colaboram sem capturar o protagonismo.

A formação docente deve abordar fundamentos, planejamento, facilitação dialógica, avaliação e protocolos temáticos. Materiais estruturados apoiam, mas não substituem julgamento profissional.

A co-agência distribui responsabilidades. A transformação educacional não depende de estudantes heroicos nem de professores isolados, mas de relações e instituições capazes de sustentar participação.

5.2 ESTRATÉGIAS E ECOSSISTEMA FÍSICO-DIGITAL

A matriz admite projetos, missões, jogos, narrativas, investigação, rodas de diálogo, oficinas, resolução de problemas e produções autorais. A escolha depende do objetivo, não da novidade do recurso. Todo componente deve explicitar qual movimento ativa e qual evidência produz.

O ecossistema físico-digital pode reunir livros, manuais, cartas, tabuleiros, personagens, plataforma, portfólios e relatórios. A tecnologia amplia acesso, personalização e registro, mas deve observar acessibilidade, minimização de dados e finalidade pedagógica.

Gamificação é recurso e não fundamento. Pontos e selos não podem premiar exposição de experiências sensíveis nem transformar valores em competição. Cooperação, feedback e progressão devem prevalecer.

5.3 TEMAS TRANSVERSAIS COMO CENTRO DA VIDA COTIDIANA

A transversalidade não é compreendida como conteúdo periférico acrescentado ao currículo. Meio ambiente, educação financeira, saúde, autoproteção, cidadania digital, dignidade, respeito, diversidade e convivência atravessam escolhas reais de indivíduos, famílias, escolas e comunidades. Por afetarem a vida humana em escala local, regional e global, esses temas requerem abordagem integradora, como orienta a BNCC ao tratar dos Temas Contemporâneos Transversais (BRASIL, 2018). A inovação da A.C.T.I.V.A. consiste em oferecer uma gramática metodológica comum para que tais temas sejam estudados com rigor e convertidos em consciência e ação.

Cada tema transversal deve ser problematizado a partir do cotidiano sem ficar aprisionado ao senso comum. Aprender fornece conceitos e evidências; Conectar aproxima experiências e sistemas; Transformar permite rever entendimentos e atitudes; Integrar mobiliza pessoas e áreas; Validar

confronta propostas com critérios; Agir concretiza mudanças proporcionais. O ciclo preserva especificidades temáticas e evita campanhas episódicas desconectadas do currículo.

A consciência individual corresponde à capacidade de reconhecer conhecimentos, valores, hábitos e responsabilidades próprias. A consciência coletiva reconhece interdependência, direitos, deveres, desigualdades, impactos compartilhados e necessidade de cooperação. A primeira sem a segunda pode produzir individualismo moral; a segunda sem autoria pessoal pode permanecer abstrata. A matriz articula ambas para formar sujeitos capazes de transformar a si mesmos com os outros e no mundo.

6 AVALIAÇÃO E VALIDAÇÃO DA A.C.T.I.V.A.

A avaliação é diagnóstica, formativa e integradora. Ela acompanha conhecimentos, conexões, argumentos, valores em ação, colaboração e capacidade de planejar. Nenhum indicador isolado representa formação integral.

Recomenda-se triangulação entre produções, observação, autoavaliação, heteroavaliação e registros de projetos. Rubricas descrevem níveis de progressão sem rotular pessoas. Dados agregados podem orientar redes, mas exigem proteção e interpretação contextual.

A eficácia futura deverá ser investigada por desenhos graduais: estudos de viabilidade, fidelidade de implementação, métodos mistos, comparação quando ética e possível, e acompanhamento longitudinal. Resultados devem registrar também efeitos não previstos.

7 METODOLOGIAS DERIVADAS E PROGRAMAS JÁ CRIADOS

A A.C.T.I.V.A. Ambiental orienta aprendizagem socioambiental e o programa ECOAVENTURA360º — Missão Planeta Vivo. A A.C.T.I.V.A. Finanças trabalha educação financeira e o Programa Missão Futuro Inteligente. A A.C.T.I.V.A. Vida estrutura desenvolvimento integral, autoproteção infantil e cidadania digital no Programa Missão Vida Bem Protegida. A A.C.T.I.V.A. Respeito orienta dignidade, diversidade, inclusão e convivência não violenta no Programa Missão Humanizar.

Cada derivação poderá adaptar a expressão lexical de uma dimensão quando necessário à semântica do campo, mas deverá manter equivalência funcional com a matriz Aprender, Conectar, Transformar, Integrar, Validar e Agir. A A.C.T.I.V.A. Ambiental preserva Validar; a A.C.T.I.V.A. Finanças utiliza Investir e Valorizar em correspondências temáticas; a A.C.T.I.V.A. Vida e a A.C.T.I.V.A. Respeito empregam formulações protetivas e relacionais. Essas adaptações precisam ser justificadas por mapas de correspondência para que a identidade comum não se perca. Personagens,

missões, indicadores e recursos pertencem ao nível do programa; as funções matriciais pertencem à metodologia-mãe.

A adoção de uma derivação não obriga aquisição das demais. A unidade sistêmica permite interoperabilidade, enquanto a autonomia comercial e pedagógica respeita necessidades territoriais.

8 CRITÉRIOS PARA FUTURAS METODOLOGIAS

Uma futura derivação deverá partir de problema educacional relevante, público delimitado e base científica e normativa própria. Precisará mapear os seis movimentos, definir competências, progressão, indicadores, recursos, formação e mecanismos de proteção.

A aprovação requer matriz de rastreabilidade demonstrando: fundamento; objetivo; experiência; evidência; indicador; risco; salvaguarda. Também deverá mostrar distinção temática suficiente para evitar duplicação interna e compatibilidade com a metodologia-mãe.

O processo recomendado inclui proposição, análise conceitual, protótipo, revisão pedagógica e jurídica, acessibilidade, piloto, ajustes, validação e governança. O uso da identidade A.C.T.I.V.A. depende de autorização e controle de integridade.

9 IMPLEMENTAÇÃO, FORMAÇÃO E GOVERNANÇA

A implementação deve começar por diagnóstico institucional e pactuação de objetivos. Formação inicial apresenta fundamentos e práticas; acompanhamento apoia adaptação sem perda de fidelidade. A governança registra versões, responsabilidades, mudanças autorizadas e critérios de qualidade.

Fidelidade não significa reprodução mecânica. Distingue-se fidelidade aos princípios de adaptação contextual. Mudanças em exemplos e duração podem ser legítimas; supressão de proteção, avaliação ou protagonismo descaracteriza a proposta.

A EcoFormação, como instituição proponente, deve manter documentação técnica, política de atualização, canais de reporte e instâncias de revisão independente. Parcerias científicas podem ampliar transparência e validação.

10 DISCUSSÃO: INOVAÇÃO, CONTRIBUIÇÕES, RISCOS E LIMITES

A principal contribuição da A.C.T.I.V.A. é oferecer linguagem comum para transformar fundamentos amplos em decisões de desenho pedagógico. A matriz conecta conhecimento, contexto, ética e ação, permitindo diversidade temática sem fragmentar identidade.

Há riscos: uso do acrônimo como decoração; protagonismo convertido em responsabilização; excesso de gamificação; indicadores tratados como diagnóstico clínico; e alegações de impacto sem evidência. A governança proposta busca reduzir esses riscos.

Este estudo possui limites. A construção é teórica e vinculada à instituição criadora. Não apresenta resultados empíricos nem revisão sistemática exaustiva. Publicações futuras devem envolver pesquisadores externos, participantes e dados de implementação.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A A.C.T.I.V.A. foi definida como metodologia-mãe/matricial de inovação educacional, protagonismo mediado e transformação social responsável. Suas seis dimensões — Aprender, Conectar, Transformar, Integrar, Validar e Agir — articulam conhecimento, cotidiano, ressignificação, cooperação, discernimento e ação refletida.

O modelo preserva invariantes e permite derivações atuais e futuras. Sua originalidade está na arquitetura e nos critérios de integração, não na reivindicação de conceitos pertencentes ao patrimônio científico da educação.

A próxima etapa é validar a proposta em contextos reais, documentando fidelidade, acessibilidade, aprendizagem e efeitos. O compromisso científico exige que potencial seja distinguido de eficácia demonstrada.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P. The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view. Dordrecht: Kluwer, 2000.

BANDURA, Albert. Social foundations of thought and action. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1986.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 ago. 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 24 ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 24 ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: materiais de apoio. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/pro-bncc/material-de-apoio/. Acesso em: 24 ago. 2026.

BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, Pamela A. The bioecological model of human development. In: DAMON, William; LERNER, Richard M. Handbook of child psychology. Hoboken: Wiley, 2006.

DEWEY, John. Democracy and education. New York: Macmillan, 1916. Disponível em: https://www.gutenberg.org/ebooks/852. Acesso em: 24 ago. 2026.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Registro no Acervo Paulo Freire: https://acervo.paulofreire.org/items/bfd4a2e6-2c4b-47b3-9376-9fb259fe1440. Acesso em: 24 ago. 2026.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

OECD. OECD Learning Compass 2030. Paris: OECD. Disponível em: https://www.oecd.org/en/data/tools/oecd-learning-compass-2030.html. Acesso em: 24 ago. 2026.

PIAGET, Jean. A psicologia da inteligência. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

UNESCO. Education for sustainable development: a roadmap. Paris: UNESCO, 2020. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374802. Acesso em: 24 ago. 2026.

UNESCO. Reimagining our futures together: a new social contract for education. Paris: UNESCO, 2021. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379707. Acesso em: 24 ago. 2026.

UNITED NATIONS. Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development. Disponível em: https://sdgs.un.org/2030agenda. Acesso em: 24 ago. 2026.

VYGOTSKY, Lev S. Mind in society. Cambridge: Harvard University Press, 1978.